



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 17 | n. 1 | p. 167-178 | 2019]

RECEBIDO: 22-09-2018

APROVADO: 12-03-2019

ARTIGO ORIGINAL

DOSSIÊ FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis

Profile and professional development of tennis coaches

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p167>

Caio Corrêa Cortela¹, Michel Milistetd², Larissa Rafaela Galatti³,
Jorge Both¹, Carlos Adelar Abaide Balbinotti⁴

¹Universidade Estadual de Londrina (UEL)

²Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

³Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Objetivo: Descrever o perfil de treinadores que atuam com a iniciação esportiva em tênis. **Métodos:** Participaram 60 treinadores (35,8±9,1 anos) de 14 clubes, de cinco estados brasileiros. Esses profissionais responderam uma ficha contendo as variáveis sociodemográficas e uma versão adaptada do questionário QUAFIPETAR. Para a análise dos dados foram realizados cálculos de frequências, estatísticas descritivas de tendência central, dispersão e distribuição. **Resultados:** Os resultados demonstraram que, de modo geral, os treinadores caracterizaram-se por: atuar há cinco anos ou mais no programa de iniciação esportiva; estar em atividade há mais de 10 anos na carreira profissional; apresentar nível de jogo compatível com a 1ª ou 2ª classes, pela respectiva federação estadual; ser graduado em Educação Física; e envolver-se, com frequência, em atividades/cursos de formação continuada, especialmente pela via federativa. A socialização pré-profissional com a modalidade ocorreu na função de pegadores de bolas. Esse fato, associado à ausência da disciplina tênis na formação inicial dos treinadores envolvidos, reforça a necessidade de aproximação da modalidade com o meio acadêmico. **Conclusão:** A análise do perfil da participação em formações continuadas ressalta a necessidade de maior oferta de atividades/cursos voltados ao contexto de participação.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Profissional; Treinadores; Tênis.

ABSTRACT

Objective: To describe the profile of coaches who work with sportive initiation in tennis. **Methods:** Sixty coaches (35.8±9.1 years) from 14 clubs of five Brazilian states. Coaches filled in a form containing sociodemographic variables and an adapted version of QUAFIPETAR questionnaire. For the data analysis, frequency calculations, descriptive statistics of central tendency, dispersion and distribution were performed. **Results:** The results showed that, in general, the coaches were characterized by: acting for five years or more in the sports initiation program; having an active professional career for at least 10 years; presenting a game level compatible with 1st or 2nd class players of the respective state federation; having a Physical Education degree; and being frequently engaged in coaching education activities/courses, especially in the federative bias. The pre-professional socialization with the modality occurred in the function of ball boys. **Conclusion:** This fact associated to the absence of the tennis course in Physical Education School reported by coaches reinforces the need of a better approach between the sport tennis and University environment and the increase of better coaching education programs focusing the sport participation context.

KEYWORDS: Coach Development; Coaches; Tennis.

INTRODUÇÃO

O *status* alcançado pelo esporte na sociedade contemporânea transcendeu os limites do campo de jogo para se tornar um dos maiores fenômenos sociais e culturais da atualidade. A presença massiva na mídia internacional, as elevadas movimentações e investimentos financeiros, e as inter-relações estabelecidas com a política, conferiram ao esporte a condição de fenômeno globalizador, o que atrai milhões de pessoas para a prática (GALATTI; PAES, 2010; MARTINES, 2014; PIMENTEL).

Neste cenário, a importância atribuída ao treinador e ao papel desempenhado pelo mesmo no meio esportivo, tem suscitado a ampliação de debates em âmbito internacional sobre a profissionalização e a demarcação do rol de competências necessárias para atuar em diferentes contextos do coaching esportivo (DUFFY et al., 2011; ICCE, 2012). Nessa caminhada rumo à profissionalização, além dos aspectos constitucionais que legitimam a atuação na área, Santos (2014) e Fonseca e Neto (2015) destacam que uma das características que distingue o profissional é o conhecimento científico e a utilização de competências e habilidades especializadas em função das exigências contextuais. Nesse sentido, o engajamento dos treinadores em programas de formação inicial e continuada, aliado a um sistema de educação estruturado e de qualidade, aparece como ponto importante rumo à consolidação profissional da área (CALLARY et al., 2014).

Especificamente no Brasil, a atividade profissional desempenhada pelo treinador, seja ela desenvolvida no contexto de esporte de participação ou no de rendimento, encontra-se vinculada ao rol de atribuições do profissional da área de Educação Física, reconhecida como profissão desde a promulgação da Lei 9696/98. Esta lei regulamentou a atuação profissional na área e exige como pré-requisito mínimo à carreira de treinador, o grau de bacharel em Educação Física. No que tange à formação continuada, as limitações do sistema nacional quanto à oferta de programas desenvolvidos no contexto formal, têm feito com que a responsabilidade pela formação continuada dos treinadores no país recaia, quase que exclusivamente, sobre as confederações esportivas (MILISTETD et al., 2016).

Observa-se que atualmente existe o aumento no interesse da comunidade acadêmica pelos debates e investigações relacionados à figura do treinador e aos desafios encontrados no seu exercício profissional. Entretanto, no Brasil, a produção do conhecimento relacionada à área do coaching esportivo ainda é incipiente. As buscas por artigos realizadas por Galatti et al. (2016) em periódicos nacionais, abarcando o intervalo de 2000 a 2015, resultaram em um total de 82 estudos, dos quais 81% foram divulgados a partir do ano de 2009. As pesquisas direcionadas ao desenvolvimento da carreira do treinador, onde se situam os trabalhos relacionados à formação e intervenção profissional, certificação e oportunidades na carreira, concentraram 24,4% das publicações. Ao analisar especificamente a produção do conhecimento sobre tênis em periódicos nacionais, durante o mesmo período, Cortela et al. (2016) identificaram apenas três estudos associados ao desenvolvimento da carreira do treinador, sendo dois destes diretamente relacionados à aprendizagem profissional e um outro que analisou as oportunidades de carreira para os treinadores que atuam com modalidade.

Assim, observa-se a existência de situações contraditórias nas tendências de pesquisas sobre treinadores de tênis. Se, por um lado, as investigações relatam um maior reconhecimento à figura do treinador e sobre o papel desempenhado pelo envolvimento em atividades de formação para o desenvolvimento profissional, por outro, constata-se a carência de investigações que associem o desenvolvimento da carreira especificamente ao treinador de tênis. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi de descrever o perfil dos profissionais que atuam com a iniciação esportiva ao tênis em grandes clubes brasileiros. De forma mais específica, buscou-se debater o envolvimento desses treinadores no que se refere a formação inicial e continuada.

MÉTODOS

O estudo apresentou delineamento descritivo. A pesquisa dessa natureza caracteriza-se por ser um estudo de status e considera que os problemas podem ser resolvidos por meio de observações, análises e descrições objetivas e complexas dos fenômenos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). De acordo com Viveiros et al. (2015), a realização de estudos com esse delineamento apresenta-se como uma fase importante para o desenvolvimento da Ciências do Esporte, pelo fato de fornecerem o suporte e a fundamentação necessária para o avanço das pesquisas, e por incitarem novos questionamentos sobre a temática.

A amostra do estudo faz parte de um projeto maior da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), que visa conhecer como se encontram estruturados os programas de formação esportiva em clubes brasileiros. A escolha das instituições ocorreu de forma intencional. Para a primeira fase da pesquisa, foram selecionados 14 clubes reconhecidos e indicados pela CBT, e pelas respectivas federações estaduais, como sendo referências no trabalho de iniciação esportiva e formação de jogadores. Esses clubes encontram-se sediados em cinco estados das regiões Sudeste e Sul do país: Minas Gerais (2);

Paraná (3); Santa Catarina (2); São Paulo (4); e Rio Grande do Sul (3).

De uma população estimada de 66 profissionais participaram voluntariamente da amostra 60 treinadores de tênis, sendo seis do sexo feminino ($29,6 \pm 4,5$ anos) e 54 do sexo masculino ($36,5 \pm 9,2$ anos), o que corresponde a 90,9% da população do estudo. Todos os participantes atuavam no contexto de esporte de participação (programas de iniciação esportiva para crianças).

Para a coleta de dados foram aplicados dois instrumentos: uma ficha contendo as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, experiência como praticante e treinador), relacionadas ao perfil profissional dos treinadores; e uma versão adaptada do Questionário de Análise da Formação Inicial e Permanente dos Treinadores de Tênis de Alto Rendimento (QUAFIPETAR), traduzido e validado para a língua portuguesa por Lima (2011). Ressalta-se que o instrumento QUAFIPETAR adaptado para a realidade brasileira apresentou índices aceitáveis no que se refere à validade de conteúdo dos itens ($CVC \geq 0,80$) e à consistência interna, por meio do cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach ($\alpha = 0,87$), classificado como "bom" (LIMA, 2011).

Com anuência da Confederação Brasileira de Tênis, dos clubes e dos treinadores participantes da amostra, as coletas de dados ocorreram presencialmente em um intervalo de tempo de 37 dias, quando um dos pesquisadores visitou todos os clubes. Os treinadores, após tomarem ciência dos objetivos do projeto e do caráter anônimo e voluntário da participação, receberam e preencheram os instrumentos de coleta anteriormente citados, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram informados de que poderiam abdicar do envolvimento na pesquisa em qualquer momento. O pesquisador responsável esteve presente ao longo de todo o período de coleta.

Ao final do período de coleta, os dados obtidos foram transcritos para uma planilha do software SPSS 17.0. Os procedimentos estatísticos adotados para análise dos dados incluíram: cálculos de frequências; estatísticas descritivas de tendência central, dispersão e distribuição. Os resultados decorrentes da análise estatística foram apresentados em forma de gráficos e tabelas.

RESULTADOS

Perfil profissional

Os resultados evidenciaram que o perfil dos treinadores envolvidos no trabalho com a iniciação esportiva é composto, majoritariamente, por profissionais experientes e com histórico de atuação no contexto de participação. A maior parte deles apresentou: estar vinculado ao clube atual há seis anos ou mais (54,5%); trabalhar diretamente com a iniciação há, pelo menos, cinco anos (52,7%); e atuar apenas nos Programas de Escolinha (contexto de participação para crianças) nesses locais de trabalho (56%) (Tabela 1). De acordo com Abraham, Collins e Martindale (2006), o período de 10 anos de experiência profissional é considerado um marco de referência para a obtenção da expertise na carreira de treinador. Ressalta-se que esse valor foi atingido por 69% da amostra.

Tabela 1. Estatística descritiva para as variáveis relacionadas à idade e tempo.

Variáveis	Média	Dp	Mediana	Amplitude (min - máx)
Idade	35,8	9,1	34	20,7 - 60,2
Tempo de prática	20,9	11,1	20	2 - 45
Idade de início da carreira	21,1	4	20,4	14,2 - 31,8
Tempo de atuação como treinador	14,8	9,2	12	2 - 40
Tempo de atuação no clube atual	9,2	8,4	6	6 - 32
Tempo de atuação no atual programa de Iniciação	7,5	6,7	5	6 - 28

Fonte: Elaborada pelos autores.

Foi considerada como idade de início da carreira aquela na qual os profissionais relataram se dedicar exclusivamente (full time) ao trabalho como treinador. Os resultados encontrados para essa variável são levemente superiores aos descritos em outros estudos com treinadores de tênis (CORTELA et al., 2013; FUENTES; VILLAR, 2004) e para treinadores esportivos em geral (GOMES et al., 2011). Essa tendência de início da carreira em idades mais avançadas no Brasil vem sendo apontada pela literatura, e que pode estar associada à necessidade de uma formação inicial em nível superior no bacharelado em Educação Física para se exercer, legalmente, a profissão (CORTELA et al., 2013).

Esse cenário fica mais evidente quando se observa a porcentagem de treinadores que iniciou a carreira antes dos 20 anos de idade. Menos da metade dos profissionais da amostra (46%) apresentou esse comportamento, valores que contrastam com os 80% apresentados com treinadores paranaenses de tênis (CORTELA et al., 2013). De fato, as exigências do contexto profissional demandam do treinador o domínio de um leque de conhecimentos (profissional, interpessoal e intrapessoal) e competências (visão, organização, liderança, comunicação, relações pessoais, avaliação, reflexão, entre outras) necessários à atuação efetiva (ICCE, 2012). O domínio desses conhecimentos e competências não advém apenas do envolvimento em programas de formação desenvolvidos no contexto formal e não formal. Mas, também é fruto da experiência, decorrente do aprendizado experiencial, do convívio com outros treinadores e profissionais, requerendo tempo para ocorrer (CHESTERFIELD; POTRAC; JONES, 2010; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007).

Além dos aspectos descritos anteriormente, a vivência como praticante da modalidade apresenta-se como um fator importante no desenvolvimento profissional (CÔTÉ; ERICKSON; DUFFY, 2013). Particularmente no tênis, o histórico do treinador enquanto ex-atleta demonstra ter um peso ainda mais elevado. Por muito tempo, o nível técnico apresentado como praticante foi considerado como sinônimo da capacidade de ensinar do treinador, sendo utilizado, inclusive, como critério para determinar os níveis de atletas que esse profissional poderia trabalhar (CORTELA et al. 2013).

Os treinadores da amostra apresentaram experiência satisfatória no que diz respeito ao nível técnico atingido como jogador (Figura 1). A maior parte dos profissionais observados (56%) relatou ter sido classificado como 1ª ou 2ª classes, por sua respectiva federação estadual. Dos 60 treinadores, 13 indicaram possuir outro tipo de experiência com a modalidade, sendo: (5) não foram federados ou não participaram oficialmente de torneios; (2) experiência apenas como treinador; (2) jogaram poucos torneios; (1) como 4ª classe na federação local; (1) como 5ª classe na federação local; (1) experiência em circuito estadual; (1) não relatou. Ressalta-se que resultados semelhantes foram descritos em investigações com treinadores brasileiros dos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina (CORTELA et al., 2013, 2017; LEITE et al., 2016; LIMA et al., 2014).

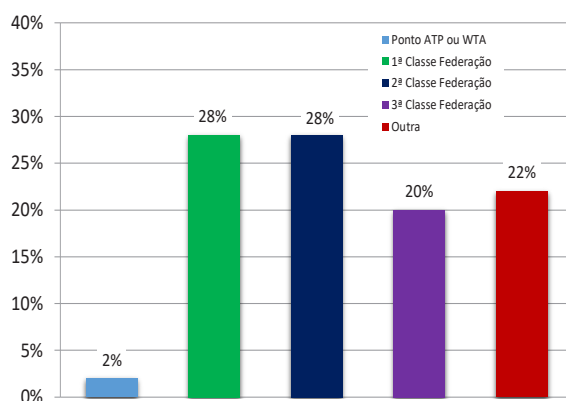


Figura 1. Perfil profissional: experiência esportiva como praticante da modalidade.

Com relação à socialização pré-profissional, entendida aqui como aquela que decorrente dos primeiros contatos com a modalidade e que precederam a entrada na faculdade ou o início propriamente dito da carreira como treinador, foi possível identificar diferenças substanciais quanto aos caminhos percorridos pelos treinadores de tênis, quando comparados a profissionais de outras modalidades esportivas. Enquanto em modalidades como o voleibol e basquetebol observa-se o início da carreira de treinadores predominantemente atrelado ao contato prévio como atleta ou, concomitantemente, à inserção no curso de Educação Física ou Esporte (COELHO; SILVA et al., 2006; RESENDE et al., 2007), no tênis verifica-se

que a socialização pré-profissional de maior frequência se encontra associada ao ofício de pegador de bolas, também chamado no meio esportivo do tênis como boleiro (Figura 2).

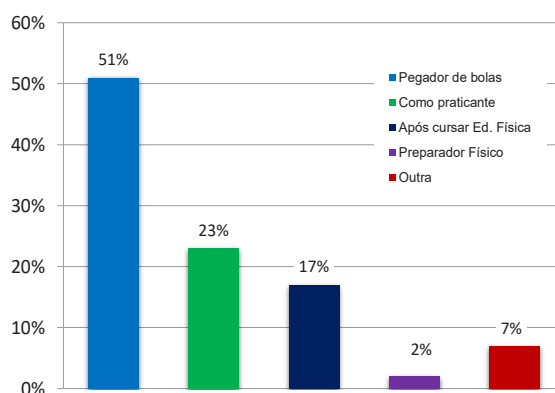


Figura 2. Perfil profissional: socialização pré-profissional.

Essa constatação vai ao encontro dos resultados de outros estudos (CORTELA et al., 2013; LEITE et al., 2016) e alerta para a necessidade de uma maior atenção para que novos profissionais possam ser formados para atender o mercado. Nos últimos anos têm se verificado uma tendência de redução no número de pessoas que atuam como boleiros, decorrente de diferentes fatores, tais como: mudanças nas metodologias de ensino, condições socioeconômicas e necessidade de contratação formal. Esse cenário, associado à obrigatoriedade de formação inicial para o exercício profissional e a ausência do tênis do currículo da grande maioria dos cursos de Educação Física brasileiros, poderá impactar em médio prazo a oferta de treinadores, apresentando-se como um fator inibidor para o crescimento da modalidade (CORTELA et al., 2013). Para os treinadores que relataram ter iniciado a carreira de “Outra” forma, destaca-se que três treinadores começaram enquanto ainda cursavam a faculdade, e um treinador após se inserir nas escolinhas para o trabalho específico de desenvolvimento motor.

Em relação ao sexo dos treinadores, observou-se que a cada 10 profissionais, apenas um era do sexo feminino. Tal resultado está em consonância com investigações que analisaram a realidade do esporte em geral (ACOSTA; CARPENTER, 2014; FERREIRA et al., 2013; FERREIRA et al., 2015; GOMES et al., 2011) e do caso específico da modalidade tênis (CORTELA et al., 2013, 2017; FUENTES; VILLAR, 2004; LEITE et al., 2016; LIMA et al., 2014).

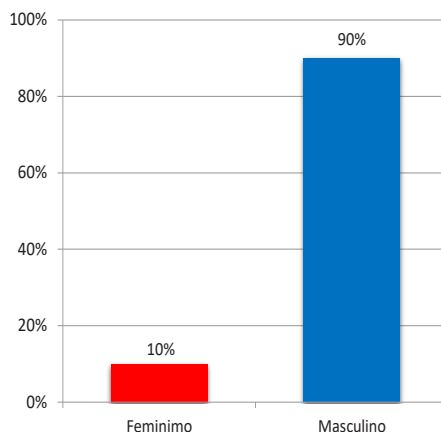


Figura 3. Perfil profissional: variável sexo.

O estudo realizado por Ferreira et al. (2013), envolvendo 259 federações esportivas brasileiras de 22 modalidades, relatou que apenas sete por cento dos treinadores cadastrados eram do sexo feminino. Nessa mesma direção, os autores identificaram que 71% das federações não possuíam uma treinadora sequer cadastrada em suas bases. E essa porcentagem reduzida de mulheres que atuam no meio esportivo não restringe à função de treinadora, mas também se estende aos cargos diretivos. De acordo com Mourão e Gomes (2004, apud FERREIRA et al., 2013), somente 14% dos cargos de direção dos principais órgãos de administração esportiva brasileiros e sete por cento das presidências de federações são ocupados por mulheres.

Além das explicações socioculturais descritas por Resende et al. (2007), Acosta e Carpenter (2014) relatam que o cenário atual é fruto de uma reação em “cascata”, o que indica que nos esportes onde há mulheres ocupando cargos diretivos observa-se uma porcentagem mais elevada de treinadoras. No caso concreto do tênis, faz-se necessário incluir ainda uma análise quanto à representatividade das mulheres como praticantes da modalidade, no intuito de compreender melhor o fenômeno.

Formação inicial

De modo geral, formação de treinadores de tênis no mundo ocorre por três vias distintas: as federativas (International Tennis Federation - ITF ou pelas confederações/federações regionais); a universitária/acadêmica; e as formações obtidas por meio de associações privadas, como exemplos a United States Professional Tennis Association (USPTA) e a Professional Tennis Registry (USPTR) (FUENTES; VILLAR, 2004). Atualmente no Brasil, do ponto de vista legal, a formação profissional de treinadores só ocorre pela via universitária. Isso em decorrência da promulgação da Lei 9696/98, que também regulamenta a profissão de Educação Física (BRASIL, 1998). Essa característica do contexto nacional começa a apresentar resultados práticos na formação inicial de treinadores. Os resultados descritos na Figura 4 apontam para uma tendência de aumento no número de profissionais com formação em nível superior na área, comportamento também observado em outros estudos que investigaram a formação do profissional do treinador de tênis (CORTELA et al., 2013, 2017; LEITE et al., 2016; LIMA et al., 2014).

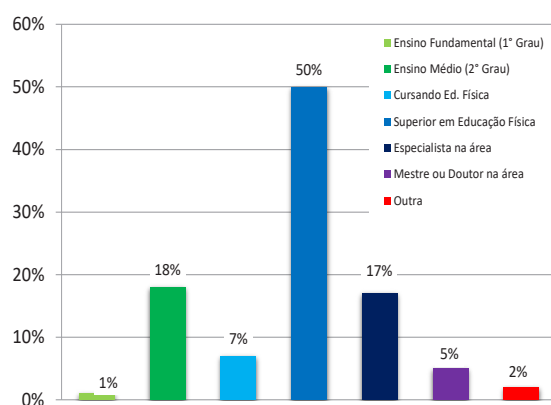


Figura 4. Perfil profissional: nível de escolaridade.

Se, por um lado, a exigência de formação em nível superior no bacharelado em Educação Física, com mínimo 3.200 horas de formação, com a necessidade de uma licença anual expedida pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF) para o exercício profissional e reconhecimento legal da profissão de treinador no Brasil, podem ser fatores considerados como uma conquista histórica para área (MILISTETD et al., 2015), por outro, questiona-se até que ponto essa formação inicial tem efetivamente contribuído na melhoria da formação dos treinadores de tênis no país (CORTELA et al., 2017). Esse questionamento se assenta na premissa de que esses cursos se encontram organizados com um caráter generalista, visando formar profissionais versáteis, capazes de atender às distintas demandas do mercado – gestão, lazer, saúde, rendimento, entre outros (MILISTETD et al., 2014), não atendendo as especificidades do esporte. Estudos apontam que essa formação tem se mostrado insuficiente para a formação do treinador esportivo, especialmente os interessados em trabalhar no contexto de rendimento (MILISTETD et al., 2014; RODRIGUES, 2014).

Os currículos das universidades têm demandado pouca atenção às disciplinas relacionadas diretamente ao coaching esportivo, bem como as estratégias experienciais de aprendizagem (MILISTEDT et al., 2014). Com esse cenário observa-se um distanciamento e a ausência de relações entre os saberes produzidos e ensinados no meio acadêmico e aqueles necessários ao exercício profissional dos treinadores (CAVAZANI et al., 2013; RODRIGUES; PAES; SOUZA-NETO, 2016). He, Trudel e Culver (2018) também relatam o descontentamento dos treinadores com o caráter genérico e superficial dos conteúdos e com a relação desequilibrada entre teoria e prática no contexto universitário, colocando em pauta a necessidade de se repensar o formato atual e os projetos pedagógicos no que tange à formação do treinador esportivo.

A formação inicial dos treinadores de tênis parece enfrentar desafios ainda maiores. A disciplina tênis encontra-se fora do currículo da maior parte dos cursos de graduação em Educação Física no Brasil. De acordo com Milistetd et al. (2014), apenas 10% das Instituições Federais de Ensino Superior ofertam essa disciplina. As principais justificativas dadas pelos coordenadores dos cursos para essa ausência foram: falta de profissionais habilitados para trabalharem com o tênis nos cursos de graduação, pelo fato de a modalidade ser considerada uma modalidade esportiva elitista, e devido à falta de materiais e quadras específicas para a realização das aulas (DIAS et al., 2002). Para o grupo de treinadores que relatou haver cursado Educação Física no presente estudo, 68% não teve qualquer contato com a disciplina durante a graduação.

Formação continuada: via acadêmica

O envolvimento em atividades de formação continuada promovidas por meio da via academia ainda não denota grande representatividade junto aos treinadores (Figura 4). Do total de 60 profissionais do estudo, somente 10 (17%) declararam haver participado de cursos de especialização, e três (4%) de programas *stricto sensu*, com destaque para as formações relacionadas às áreas do treinamento esportivo e aprendizagem motora. Três fatores parecem contribuir para esse cenário. O primeiro diz respeito ao período de transição profissional vivenciado pela atual geração de treinadores que atua com a modalidade. Anteriormente à promulgação da lei, que regulamentou a atuação do profissional de Educação Física, em 1998, não se exigia qualquer tipo de formação inicial para o exercício profissional nessa área. Mesmo não havendo pesquisas de âmbito nacional que apresentem um panorama geral da formação de treinadores no país, com base nos resultados preliminares de estudos publicados até o momento, é possível observar que boa parte dos profissionais que já atuavam anteriormente à regulamentação da profissão apresentaram, como nível máximo de formação, os ensinamentos fundamental ou médio (CORTELA et al., 2013).

Os resultados apontam ainda que, atualmente, grande parte dos treinadores inseridos no mercado de trabalho é composta por profissionais provisionados (CORTELA, et al., 2013; LIMA et al., 2014). Segundo a Lei de Diretrizes de Bases 9.394/1996, o acesso aos cursos de Pós-graduação no Brasil é restrito aos profissionais portadores e diplomados de cursos de nível superior, o que restringe a participação de profissionais provisionados em atividades de formação continuada por meio da via acadêmica (BRASIL, 1996).

Além desse fator, a necessidade de formação em nível superior traz consigo uma mudança na forma como os treinadores veem as instituições responsáveis pelas atividades de formação. De acordo com Gomes et al. (2011), a formação acadêmica realizada pelos treinadores interfere diretamente na forma como os mesmos veem as entidades responsáveis por ministrarem as atividades de formação. Enquanto os profissionais sem formação acadêmica tendem a supervalorizar as atividades de formação de cunho federativo, os treinadores com formação em nível superior creditam o mesmo peso para as atividades de formação desenvolvidas por meio das diferentes vias (instituições de ensino superior, federações, e demais entidades oficialmente reconhecidas). Nesse sentido, o crescimento no número de profissionais graduados em Educação Física, decorrente da obrigatoriedade de formação em nível superior em Educação Física, poderá contribuir para o aumento na frequência de participação em atividades de formação continuada por meio dessa via.

Por fim, assim como observado para os cursos de graduação, verifica-se que as opções de formação continuada voltadas a modalidade no meio acadêmico são ainda restritas. O tênis encontra-se distante das universidades brasileiras, dessa forma as ofertas de cursos de especialização na área estão reduzidas a poucas instituições e condicionadas à presença de um número pré-determinado de treinadores para abertura de turmas, o que não ocorre com frequência (CORTELA et al., 2013).

Formação continuada: via federativa

De acordo com Fuentes e Villar (2004), as formações de cunho federativo são as mais frequentadas pelos treinadores de tênis em todo o mundo. Em geral, as titulações expedidas nesse âmbito apresentam-se divididas em três ou quatro módulos, sendo que as cargas horárias, os pré-requisitos e os conteúdos de cada módulo variam de um país para outro.

No caso específico dos treinadores analisados, verificou-se clara preferência por formações continuadas promovidas por meio dessa via. Para 56% da amostra, as atividades ou cursos federativos foram consideradas os de maior impacto

para a formação do treinador, indo ao encontro dos resultados descritos por Resende et al. (2007) e Sanz, Fuentes e Villar, (2004).

Os resultados mostraram que a maior parte dos profissionais (80%) relatou haver participado de, ao menos, uma atividade/curso de formação continuada nos últimos cinco anos. Para os 48 treinadores que declararam ter participado dessas formações, 58% estiveram presentes em quatro oportunidades ou mais, o que denota a preocupação desses profissionais de se envolverem atividades que contribuam para o desenvolvimento da carreira (Figura 5). Essa característica também foi relatada por Cortela et al. (2013 e 2017) com treinadores nacionais e contrasta com os resultados de Fuentes e Villar (2004), que analisaram treinadores espanhóis de tênis, e de Mendes (2005), com treinadores portugueses, que descreveram uma participação menos expressiva nesse tipo de atividade.

Por meio do registro de ocorrência foi possível identificar na amostra 24 atividades de formação continuada onde ao menos um dos treinadores esteve presente. Dessas, 18 são ministradas ou organizadas pelo Departamento de Capacitação de treinadores da CBT. Destaca-se que seis atividades foram citadas por 10 treinadores ou mais e foram selecionadas para compor a Figura 6.

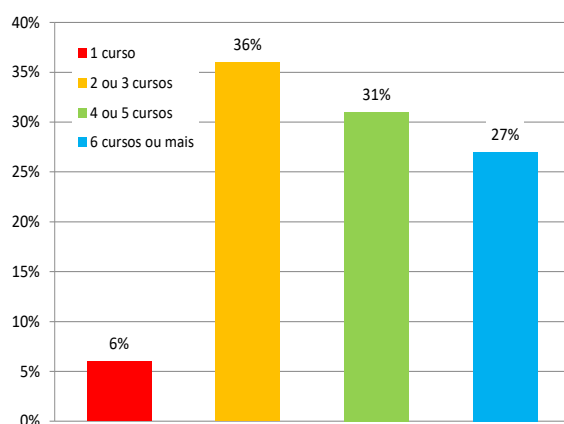


Figura 5. Frequência de participação em atividades/cursos de formação continuada.

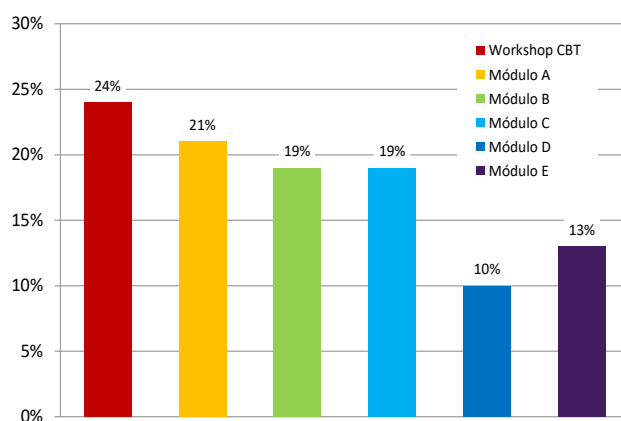


Figura 6. Perfil profissional: perfil das atividades e/ou cursos de formação continuada.

O Workshop Internacional promovido pela CBT apareceu como a atividade realizada com maior frequência pelos treinadores. Com exceção do ano de 2015, em que apresentou uma única temática e um formato diferente do adotado convencionalmente, sendo dirigido por apenas um responsável, a programação do evento aborda diversos conteúdos, contando com a presença de especialistas nacionais e internacionais, com diferentes trajetórias de desenvolvimento profissional. Considerando a variedade de temáticas nos Workshops ocorridos em 2012, 2013, 2014, e 2016, a análise

das programações dos eventos possibilitou identificar que os temas abordados estão majoritariamente (74,5%) voltados para o contexto de rendimento. Somente 13,7% das palestras tiveram como foco o contexto de participação, enquanto 11,8% foram dedicadas a conteúdos de caráter geral (CBT, 2016). Nesse sentido, verifica-se que o formato adotado, mesmo atraindo o interesse de profissionais que atuam prioritariamente no contexto de participação necessitaria ser revisto, apresentando uma distribuição mais equilibrada entre os conteúdos abordados nos diferentes contextos e, contribuindo de forma mais efetiva para o desenvolvimento desses profissionais.

Assim como descrito por Cortela et al. (2013), os Módulos A, B e C do programa nacional de formação ofertado pela CBT foram os cursos realizados com maior frequência pelos treinadores analisados. Atualmente o sistema nacional é composto por 12 Módulos, com carga horária total de 25 horas de duração para cada estágio. Além desses, o programa ainda dispõe de mais cinco cursos temáticos: Play and Stay (8h); Curso para Professores e Administradores de Clubes e Academias (15h); Tennis Xpress (7h); Módulo Escolar (16h); e Lateralidade (8h); oportunizando mais de 350 horas de atividades/cursos de formação continuada (CBT, 2017a).

Essa estrutura de 12 Módulos, empregada no país, é baseada fundamentalmente no modelo de formação de treinadores proposto pela ITF (CBT, 2017b). O modelo em questão é composto por três níveis de formação: um primeiro destinado ao trabalho com tenistas iniciantes ou com nível intermediário de jogo (Nível 1 – 76,5 horas); o segundo para o treinamento de tenistas avançados (Nível 2 – 74 horas); e último nível orientado aos treinadores interessados em trabalhar com tenistas de alto rendimento (Nível 3 – 88 horas) (ITF, 2014).

Os Módulos A, B e C, especificamente, apresentam os conteúdos e competências requeridos no curso de Nível 1 da ITF, o que atende as necessidades dos treinadores que iniciam a carreira profissional com a modalidade e que atuarão especificamente no contexto de participação (CBT, 2017b). Nesse sentido, observa-se que os temas trabalhados nesses módulos são orientados para auxiliar os treinadores na resolução de problemas comuns, encontrados no cotidiano do profissional de quem atua com o tênis. Inicialmente é apresentado um rol de competências necessário para atuar como treinador nesse contexto e, também, os pré-requisitos para o trabalho com a iniciação esportiva por meio de aulas individuais e em grupos. As habilidades de: realizar diferentes tipos de lançamentos de bolas; promover correções técnicas; organizar rotações efetivas durante as aulas em grupo; e de ensinar por meio de jogos e utilizando as cinco situações de jogo (sacar, devolver, jogo de fundo, jogo de rede e o jogo de passador), são alguns dos aspectos centrais destacados nessa etapa da formação. Ressalta-se que a aprovação nesses três Módulos se apresenta como um dos pré-requisitos a serem cumpridos para entrada no Sistema Nacional de Graduação Profissional (CBT, 2006).

Para os Módulos D e E, que conjuntamente com o F e G, compõem os conteúdos e competências correspondentes ao Nível 2 da ITF (CBT, 2017b), os treinadores participantes demonstraram adesão menos expressiva. Essa tendência também foi relatada por Cortela et al. (2013) e parece refletir as especificidades do contexto de atuação profissional. Assim, como observado no modelo da ITF, o programa nacional apresenta uma via única para formação de treinadores, que acompanha as etapas da preparação esportiva em longo prazo para o alto rendimento. Com esse cenário, a oferta de formação continuada especificamente orientada para o contexto de participação se restringe às primeiras fases do processo de formação do treinador, não havendo opções no modelo nacional para um maior aprofundamento nesse contexto, como constatado, por exemplo, na estrutura canadense com duas vias de desenvolvimento - participação e/ou rendimento (TENNIS CANADA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados encontrados no estudo foi possível identificar que o perfil dos profissionais que atuam nos programas de iniciação esportiva é composto, majoritariamente, por: treinadores do sexo masculino; que atuam há cinco anos ou mais no programa de iniciação atual; exercem há mais de 10 anos a carreira profissional como treinador; apresentam nível de jogo compatível com a 1ª ou 2ª classes pela respectiva federação estadual; iniciaram a carreira após a socialização pré-profissional como boleiros; graduados em Educação Física; e com envolvimento frequente em atividades/cursos de formação continuada, especialmente pela via federativa.

A obrigatoriedade de formação inicial no bacharelado em Educação Física após 1998, tem contribuído para o aumento no número de profissionais graduados atuando com o tênis. No entanto, a baixa percentagem de profissionais que relatou haver tido algum contato com a modalidade durante a graduação, associada aos problemas relacionados à formação inicial para o exercício profissional como treinador e, ao caminho trilhado por esses profissionais durante socialização pré-profissional, alertam para a necessidade de aproximação da modalidade junto ao meio acadêmico, no intuito de que a formação de novos profissionais para atuar com a modalidade não seja deficitária, ou comprometida em médio prazo.

No que diz respeito à formação continuada, as ações promovidas por meio da via federativa foram as mais valorizadas pelos profissionais, com destaque para o Workshop Internacional e os Módulos A, B e C promovidos pela CBT.

A menor frequência de envolvimento dos treinadores nos Módulos mais avançados reflete a necessidade de se repensar alguns aspectos do programa nacional, especialmente no que se refere ao contexto do esporte de participação. Assim, para contribuir com os treinadores no processo de construção da identidade profissional para esse contexto, se faz necessária a ampliação da oferta de atividades de formação específicas, com vistas a atender às necessidades e expectativas dos profissionais que atuam nesse segmento.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. *Journal of Sports Sciences*, London, v. 24, n. 6, p. 549-64, 2006.
- ACOSTA, V.; CARPENTER, L. **Women in intercollegiate sport: a longitudinal, national study, thirty five year update 1977-2014**. West Brookfield, 2014. Disponível em: <<http://www.acostacarpenter.org/>>. Acessado em: 26 de outubro de 2016.
- BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acessado em: 9 de janeiro de 2015.
- BRASIL. **Lei 9.696, 1 de setembro de 1998**. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm>. Acessado em: 20 de janeiro de 2015.
- CALLARY, B.; CULVER, D.; WERTHNER, P.; BALES, J. An overview of seven national high performance coach education programs. *International Sport Coaching Journal*, Birmingham, v. 1, p. 152-64, 2014.
- CAVAZANI, R. N.; CESANA, J.; DA SILVA, L. H.; CRESSONI, F. E. G.; TAVARES JUNIOR, A. C.; ARANHA, A. C. M.; DRIGO, A. J. O técnico de judô: um estudo comparativo após 10 anos da regulamentação da educação física. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 105-17, 2013.
- CHESTERFIELD, G.; POTRAC, P.; JONES, R. 'Studentship' and 'impression management' in an advanced soccer coach education award. *Sport, Education and Society*, London, v. 15, n. 3, p. 299-314, 2010.
- COELHO E SILVA, M. J. C.; ROCHA, I. L.; GONÇALVES, C. E. Treinador de jovens e formação de jovens treinadores. In: COELHO E SILVA, M. J. C.; GONÇALVES, C. E.; FIGUEIREDO, A. (Eds.). **Desporto de jovens ou jovens no desporto?** Coimbra: FCDEF, 2006, p. 183-96.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Sistema Nacional de Graduação Profissional**. 2006. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php?cod=9>>. Acessado em: 31 de janeiro de 2015.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **Atividades do Departamento de Capacitação de Capacitação**. 2016. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php>>. Acessado em: 5 de janeiro de 2017.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **Estrutura dos Cursos de formação oferecidos pelo Departamento de Capacitação**. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php?cod=3>>. Acessado em: 2 de fevereiro de 2017a.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **Perguntas e respostas**. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php?cod=6>>. Acessado em: 2 de fevereiro de 2017b.
- CORTELA, C. C.; ABURACHID, L. M.; SOUZA, S. P.; CORTELA, D. N. R.; FUENTES, J. P. G. A formação inicial e continuada dos treinadores paraenses de tênis. *Conexões*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 60-84, 2013.
- CORTELA, C. C.; BALBINOTTI, C. A. A.; TOZETTO, A. B.; BOTH, J.; MILISTETD, M. Associação entre formação inicial e autopercepção de competência profissional de treinadores de tênis. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, Rio Maior, v. 3, n. 2, p. 32-42, 2017.
- CORTELA, C. C.; GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; BALBINOTTI, C. A. A. O "estado da arte" das publicações sobre tênis em periódicos nacionais. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Várzea Paulista, v. 15, n. 2, p. 143-51, 2016.
- CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; DUFFY, P. Developing the expert performance coach. In: FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. (Eds.). **Developing sport expertise: researches and coaches put theory into practice**. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2013. p. 96-112.
- DIAS, J. M.; SANTOS, S. G.; SILVA, O. J.; ABES, L. O.; CARABAGIALLE, M. A.; SIQUEIRA, S. G. O ensino e aprendizagem de Tênis nos cursos de Educação Física. In: MORO, A. R. P.; DIAS, J. M. In: IV Jornada

- Internacional de treinamento e organização do tênis. **Anais...** Florianópolis: NETEC, 2002. p. 105-7.
- DUFFY, P.; HARTLEY, H.; BALES, J.; CRESPO, M.; DICK, F.; VARDHAN, D.; NORDMANN, L.; CURADO, J. Sport coaching as a 'profession': challenges and future directions. **International Journal of Sports Science Coaching**, Seoul, v. 5, n. 2, p. 93-124, 2011.
- FERREIRA, H.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 103-24, 2013.
- FERREIRA, H.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO L.; MORENO, A. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 26, n. 1, p. 21-9, 2015.
- FONSECA, R. G.; SOUZA NETO, S. O profissionalismo na educação física: conflitos e disputas de jurisdições profissionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 1099-110, 2015.
- FUENTES, J. P. G.; VILLAR, F. A. **El entrenador de tenis de alto rendimiento: un estudio sobre su formación inicial y permanente**. Badajoz: APROSUBA -3, 2004.
- GALATTI, L. R.; BETTEGA, O. B.; BRASIL, V. Z.; SOUZA SOBRINHO, A. E. P.; BERTRAM, R.; TOZETTO, A. V. B.; RODRIGUES, H.; COLLET, C.; NASCIMENTO, J. V.; MILISTETD, M. Coaching in Brazil sport coaching as a profession in brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, Birmingham, v. 3, p. 316-31, 2016.
- GOMES, R. E.; ISIDIO, A. S. M.; BATISTA, P. M. F.; MESQUITA, I. M. R. Acessado à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 185-95, 2011.
- HE, C.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Manchester, v. 13, n. 4, p. 1-12, 2018.
- ICCE. INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE. **International Council for Coaching Excellence**. International Sport Coaching Framework. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2013.
- ICCE. INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE. **International Sport Coaching Framework**. Champaign: Human Kinetics, 2012.
- INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. (ITF). **Coach education programme**. 2014. Disponível em <<http://en.coaching.itftennis.com/coach-education/coach-education-programme.aspx>>. Acessado em: 3 de março de 2014.
- LEITE, E. V.; CIESLAK, F.; SILVA, C. F.; BALBINOTTI, C. A. A.; CORTELA, C. C. Qualidade de vida, percepção de imagem corporal e aspectos de sonolência em treinadores de tênis de Campo Grande. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 175-90, 2016.
- LEMAYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, Birmingham, v. 21, p. 191-209, 2007.
- LIMA, M. B. N. **Formação do treinador de tênis de alto rendimento no Brasil**. 2011. 242f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- LIMA, M. B. N.; ANDRADE, A.; VASCONCELLOS, D. I. C.; FARIA, M. B. Perfil da formação inicial e permanente de treinadores de tênis de alto rendimento do Brasil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2014.
- MARTINES, I. C. As relações entre as organizações não governamentais e o governo do estado do Paraná no campo esportivo. In: MEZZADRI, F. M. (Org.). **Políticas públicas e esporte**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014. p. 161-79.
- MENDES, P. C. **Planejamento do treino em tenistas juniores em percurso internacional, segundo as perspectivas dos treinadores e dos jogadores**. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Adaptação Motora) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.
- MILISTETD, M.; CIAMPOLINI, V.; SALLES, W. N.; RAMOS, V.; GALATTI, L. R.; NASCIMENTO, J. V. A. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programs. **Sports Coaching Review**, London, v. 1, p. 1-16, 2016.
- MILISTETD, M.; SALLES, W. N.; BRASIL, V. Z.; SAAD, M. A.; NASCIMENTO, J. V. A formação de treinadores esportivos: realidade e perspectivas. In: LEMOS, K. L. M.; GRECO, P. J.; MORALES, J. C. (Org.). In: Congresso Internacional dos Jogos Desportivos. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 285-310.

MILISTETD, M.; TRUDEL, P.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V. Coaching and Coach Education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, Birmingham, v. 1, p. 165-72, 2014.

PIMENTEL, R. M.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.

RESENDE, R.; MESQUITA, I.; ROMERO, J. F. Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de voleibol em Portugal. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 12, n. 112, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd112/formacao-de-treinadores-de-voleibol-em-portugal.htm>>. Acessado em: 22 de abril de 2012.

RODRIGUES, H. A. **Formação e desenvolvimento profissional do treinador**: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

RODRIGUES, H. A.; PAES, R. R.; SOUZA NETO, S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 509-21, 2016.

SANTOS, A. L. P. Formação de treinadores esportivos no Brasil: conquistas e possibilidades. In: Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Sociologia do Esporte. (Org.). Interfaces: esporte e sociedade - II Encontro Paulista de Sociologia do Esporte. **Anais...** São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, V. 1, 2014. p. 68-83.

TENNIS CANADA. **Coaching Development System**. Canadá. 2014. Disponível em: <<http://www.tpacanada.com/becoming-a-coach/coaching-in-canada/coaching-development-system>>. Acessado em: 3 de março de 2014.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIVEIROS, L.; MOREIRA, A.; BISHOP, D.; AOKI, M. S. Ciência do esporte no Brasil: reflexões sobre o desenvolvimento das pesquisas, o cenário atual e as perspectivas futuras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 163-75, 2015.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, London, v. 12, n. 2, p. 127-44, 2007.

Agradecimentos: Os autores agradecem a Confederação Brasileira de Tênis, pelo suporte à realização do projeto “Conhecendo a Base do Tênis Brasileiro”, e aos clubes e treinadores participantes.

Autor correspondente: **Caio Corrêa Cortela**

E-mail: capacitacao@fpt.com.br

Recebido: **22 de setembro de 2018**.

Aceito: **12 de março de 2019**.